

BIBLIOTHECA IBERO-AMERICANA

Eugenia Scarzanella / Mônica Raisa Schpun
(eds.)

Sin fronteras:
encuentros de mujeres y hombres
entre América Latina y Europa
(siglos XIX-XX)

Iberoamericana · Vervuert

2008

Índice

<i>Eugenia Scarzanella y Mônica Raisa Schpun</i> Introdução	7
<i>Katrin Hoffmann</i> Género y diferencia cultural: las coordenadas de una amistad epistolar entre Mary Mann y Domingo F. Sarmiento	17
<i>Sandra Carreras</i> “Spengler, Quesada y yo...”. Intercambio intelectual y relaciones personales entre la Argentina y Alemania	43
<i>Carmen Ramos Escandón</i> Genaro García: la influencia del feminismo europeo en sus posiciones sobre las relaciones entre hombres y mujeres en el matrimonio	65
<i>Sergio Miceli</i> Gênero, classe, afetividade e projeto criativo na vanguarda sul-americana (Ricardo Güiraldes/Adelina del Carril x Tarsila do Amaral/Oswald de Andrade)	91
<i>Rosalie Sitman</i> Trazos y ecos de una relación transatlántica: Victoria Ocampo, <i>SUR</i> y las letras francesas (1931-1955)	111
<i>Heloisa Pontes</i> Louis Jouvet e Henriette Morineau: o impacto de suas presenças na cena teatral brasileira	139
<i>Ulrike Schmieder</i> La condesa de Merlin: una aristocrática e intelectual entre Francia y Cuba	165

Vavy Pacheco Borges

O clã familiar Georges Leuzinger: negócios e afetos
entre o Velho e o Novo Mundos (séculos XIX e XX) 187

Eugenia Scarzanella

Amistad y diferencias políticas: Clara Campoamor,
Paulina Luisi y la Guerra Civil española 203

Mônica Raisa Schpun

Aracy Moebius de Carvalho Tess e Maria Margarethe
Bretel Levy: História de um *happy-end* transatlântico 223

Sobre los autores 243

Eugenia Scarzanella/Mônica Raisa Schpun

Introdução

A circulação de idéias e de pessoas entre a Europa e as Américas, entre o século XIX e os anos 1950, é o tema central deste livro. A abordagem oferecida é original, pois a atenção se concentra não em resultados, em conseqüências, mas sim nas formas em que se dá tal circulação. Trata-se aqui de traçar os contornos das redes de relações que se estabelecem entre intelectuais, escritores e artistas, mas também entre outros membros das elites de uma e outra margem do Atlântico, e mesmo entre pessoas que, se não fosse o contexto europeu crítico dos anos 1930-1940, não teriam de modo algum tecido outros fios dessa trama transatlântica.

A amizade, a admiração, a identificação, a cumplicidade, os interesses mais variados, sem esquecer a urgência, propiciam a criação de elos que chegam, em alguns casos, a compor uma “comunidade”. Marcadamente cosmopolitas, tais elos – e tal comunidade – são formados por homens e mulheres.

Focalizando os modos de constituição desta trama densa e variada de relações, os autores aqui presentes não foram escolhidos por acaso. Pois nossa preocupação foi também de reunir autores que testemunhassem desse cruzamento transoceânico, vindo de origens diversas e tendo por objetos de pesquisa personagens, contextos e espaços os mais variados possível. Quanto aos personagens, eles percorrem as Américas dos Estados Unidos à Argentina, passando pelo México, por Cuba, pelo Brasil e pelo Uruguai. Do outro lado do Oceano, eles têm suas raízes, deixam suas marcas e/ou entram em relação com seus interlocutores essencialmente na Espanha, na França, na Suíça e na Alemanha. Os percursos e as problemáticas que emergem deste emaranhado de cruzamentos permite que lancemos um olhar, ainda que inicial e incompleto, nas densas relações entre os dois continentes desde o século XIX, sobretudo em suas últimas décadas – quando a introdução dos vapores e das linhas transatlânticas regulares acelera e intensifica o trânsito de pessoas, informações e mercadorias – até meados do século XX, quando a Segunda guerra mundial freia brutalmen-

te tal intercâmbio provocando situações inusitadas, como veremos, onde relações se criam e se intensificam justamente graças ao contexto dramático em que se movem seus protagonistas. Entre as viagens iniciáticas dos artistas e as peregrinações das troupes, as trocas comerciais e os interesses financeiros, as alianças familiares e as ligações amorosas, mal ou bem-sucedidas, a correspondência e a amizade entre artistas e intelectuais, as migrações temporárias ou permanentes, mais ou menos livres, assistimos então à uma série de encontros e desencontros que, vistos de perto, sob a lupa das diversas abordagens aqui presentes, ajudam a recompor situações e contextos complexos, no mais das vezes atravessados pelos desníveis das relações desiguais entre Novo e Velho mundos.

E, através de tais movimentos, a ordem do gênero faz-se também notar, seja na construção dos diversos projetos biográficos, quanto na lógica das relações – amorosas, de parceria, de amizade, de admiração e aprendizagem.

Para o conjunto dos autores aqui reunidos, importa redesenhar as trajetórias biográficas dos protagonistas em questão, destrinchar os nós entre as relações profissionais e pessoais que ligam uns e outros, e identificar o papel determinante exercido pelo gênero nos encontros, projetos coletivos e debates que atravessam e marcam tais trajetórias e tais relações.

Não estamos no quadro de uma história das idéias, mas num registro mais próximo ao da história das mentalidades, já que os diversos estudos de caso que apresentamos a seguir tentam situar-se na confluência entre idéias, sentimentos, afetos, contextualizando e circunscrevendo as posições e trajetórias dos atores escolhidos no sentido de traçar com fineza os contornos das relações em que se inserem e que os transportam a outras paragens. Os casos estudados trazem à luz, e graças à natureza das fontes utilizadas, a importância das emoções. A desconfiança da historiografia tradicional em defrontar-se com os aspectos não racionais da história, de incluí-los às variantes explicativas, está ausente: amizades, afetos familiares, amores, desejos –satisfeitos ou frustrados–, rivalidades, ambições participam aqui, plenamente, das tramas descritas.

Os três primeiros artigos do volume mostram como a transferência das idéias não é um processo linear e unidirecional mas um mecanis-

mo complexo no qual entram em jogo informações, símbolos, preconceitos.

Katrin Hoffmann estuda a correspondência (1865-1881) entre a norte-americana Mary Mann (viúva de Horace Mann) e o argentino Domingo F. Sarmiento. A pedagogia moderna e a instrução pública –além do papel das mulheres no ensino– são os temas centrais dessa troca epistolar. Aqui, como em outros textos, torna-se evidente como o confronto intelectual entre a Europa e a América do Sul, ao qual serve de ponte, nessa ocasião, a América do Norte, versa sobre uma dupla necessidade. Por um lado, procura-se adaptar as experiências européias ao contexto americano e, por outro, valorizar as oportunidades oferecidas por um Novo mundo mais jovem e dinâmico, no sentido de melhorar e renovar as propostas do Velho.

No artigo de Carmen Ramos Escandón encontramos essa mesma preocupação de modular o pensamento ocidental às necessidades e especificidades do contexto americano, e a tensão entre modelos universalistas e a práxis local. Aqui, um intelectual mexicano, Genaro García, dialoga com a cultura européia (John Stuart Mill e Herbert Spencer) sobre a “questão feminina”. Para ele, a instituição de um direito matrimonial, como para Domingo Sarmiento a da instrução pública, constitui-se num elemento fundamental para a construção de uma nação liberal na América, a partir da experiência e dos modelos europeus. O confronto de Genaro García com a Europa não se dá através de trocas epistolares ou encontros pessoais, mas sim entre os livros, no isolamento da sua biblioteca. Trata-se, para ele, de uma janela que se abre não somente à cultura clássica e contemporânea européia, mas também à produção literária e jornalística feminina mexicana. O papel das bibliotecas privadas também encontra-se evidenciado no artigo de Sandra Carreras. Estas constituem, através de migrações sucessivas de fundos, graças a doações ou aquisições, um núcleo de irradiação de culturas de países distantes, e mantêm viva, com o passar do tempo, a troca entre os continentes.

Para que o diálogo possa ocorrer através dos livros, das cartas e dos encontros, é necessário que os interlocutores sejam capazes de se entender, que disponham do conhecimento das respectivas línguas. Contudo, a comunicação não é sempre fácil e a possibilidade de desentendimentos está sempre presente. A nível mais geral, o fato que a documentação seja, hoje, disponível em diversas línguas, dispersa